

## O PALHAÇO

Humor, polêmica e temas urgentes compõem a receita literária de Michel Houellebecq, o autor francês mais lido da atualidade



ILUSTRAÇÃO: BENETT



# APRESENTAÇÃO



REPRODUÇÃO

**U**rgência e polêmica são dois elementos que podem ajudar a explicar o sucesso de Michel Houellebecq (foto), o autor francês mais lido da atualidade — e tema do especial de capa deste **Cândido**. “Urgência” porque seus livros tratam de temas atualíssimos, como imigração, desemprego, depressão, vício em medicamentos, clonagem, terrorismo, turismo sexual, etc. Já a “polêmica” fica por conta das provocações distribuídas pelo escritor ao longo de sua obra e que muitas vezes acabam por ferir suscetibilidades (“misógino” e “xenófobo” são adjetivos bastante

usados por seus detratores).

Mas há, ainda, um terceiro elemento, destacado pelo escritor e jornalista Paulo Polzonoff Jr. no texto principal da edição: o humor. Para ele, Houellebecq é um palhaço, porém não daqueles esrachados. Sua capacidade de fazer rir está nos detalhes. “Um adjetivo aqui, uma metáfora quase que *nonsense* lá, um aforismo acolá e, às vezes, uma sentença irresponsável quando menos se espera”, explica Polzonoff.

João Lucas Dusi, da equipe do **Cândido**, também ajuda nessa investigação, traçando um perfil biográ-

fico do francês — com foco no relacionamento problemático dele com a mãe e no caráter “visionário” de sua obra (há quem diga que o movimento dos “coletes amarelos”, surgido na França em 2018, foi antecipado em seu livro mais recente, *Serotonina*). Uma lista comentada com todos os livros de Houellebecq completa o material.

Outro João, o Anzanello Carrascoza, participou da edição de junho do projeto Um Escritor na Biblioteca. Com mais de 30 títulos publicados — entre romances, antologias de contos, livros infantojuvenis e de não-ficção

—, ele relembrou sua trajetória como autor e leitor. A transcrição do bate-papo, mediado pelo jornalista Yuri Al’Hanati, começa na página 6. As fotos são de Murilo Ribas.

O **Cândido** 97 ainda traz um artigo da escritora e pesquisadora Juliana de Albuquerque na coluna Pensata, HQ de Ricardo Coimbra, trecho do novo romance de Márcia Barbieri e poemas de Ana Guadalupe, Niclas Behr e Jim Morrison (na tradução de André Caramuru Aubert). Todas as ilustrações deste número são do cartunista Benett.

Boa leitura.

## CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governador do Estado do Paraná: **Carlos Massa Ratinho Junior**  
 Secretário de Comunicação Social e Cultura: **Hudson José**  
 Superintendente de Cultura: **Luciana Casagrande Pereira**  
 Diretora da Biblioteca Pública do Paraná: **Ilana Lerner Hoffmann**  
 Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**  
 Edição: **Omar Godoy**  
 Redação: **João Lucas Dusi**  
 Estagiário: **Bruno Orsatto Lanferdini**  
 Projeto gráfico e design: **Thapcom**

**Colaboradores desta edição:**  
 Ana Guadalupe, André Caramuru Aubert, Benett, Juliana de Albuquerque, Márcia Barbieri, Murilo Ribas, Niclas Behr, Paulo Polzonoff Jr. e Ricardo Coimbra.

**Redação:**  
 imprensa@bpp.pr.gov.br  
 (41) 3221-4974

Cândido pela internet:  
[candido.bpp.pr.gov.br](http://candido.bpp.pr.gov.br)  
[/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação:  
[bpp.pr.gov.br](http://bpp.pr.gov.br)  
[bibliotecapr](https://www.facebook.com/bibliotecapr)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
 Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR  
 Horário de funcionamento  
**Segunda a sexta: 8h30 às 20h.**  
**Sábado: 8h30 às 13h.**

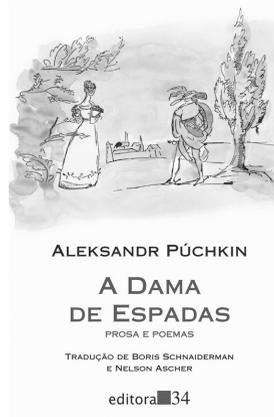
Todos os textos são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam a opinião do jornal.

## cândido indica

### A DAMA DE ESPADAS — PROSA E POEMAS

**Aleksandr Púchkin, Editora 34, 1999**  
(Trad.: Boris Schnaiderman e Nelson Ascher)

Contendo novelas, contos e poemas, este livro reúne alguns dos trabalhos mais marcantes de Aleksandr Sierguéievitch Púchkin (1799-1837), considerado o pai da literatura russa moderna e grande influenciador de escritores como Gógol, Dostoiévski, Tolstói e Tchekhov. Os textos revelam algumas das suas principais características: narrativas intensas, movimentadas e cheias de reviravoltas; mudanças bruscas de perspectiva e humor; e uma poesia extremamente sensível, elevada e musical. Púchkin soube misturar habilmente o real e o fantástico, e produziu uma literatura consideravelmente inovadora para os padrões da primeira metade do século XIX.



### O CONTO DA AIA

**Margaret Atwood, Rocco, 2017**  
(Trad.: Ana Deiró)

Na obra que deu origem à série *The Handmaid's Tale*, as mulheres da república teocrática e autoritária de Gilead, anteriormente conhecida como Estados Unidos da América, não têm direitos e exercem funções bem específicas. Como a de Aia, por exemplo, que consiste em existir exclusivamente para procriar, uma vez que grande parte da população ficou estéril após uma catástrofe nuclear. Nessa civilização, qualquer um que pisa em falso está sujeito ao fuzilamento e a ter seu corpo pendurado em praça pública. Não há mais universidades nem qualquer tipo de produto cultural — afinal, numa sociedade em que “liberdade” é uma palavra proibida, a arte perde sua razão de ser.



### ROSA QUE ESTÁ

**Luci Collin, Iluminuras, 2019**

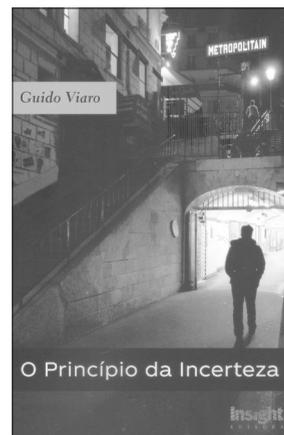
“É preciso voltar / às rosas mais antigas / e suas exuberâncias / e seus frêmitos de infinito” — com estes versos, Luci Collin abre seu novo livro de poemas inéditos. *Rosa que Está* traz a inconfundível voz de Luci cantando melodias mais meditativas e melancólicas, como se, desconfortável com o mundo, buscasse refúgio olhando para dentro de si, examinando com cuidado a fisiologia dos sentimentos enquanto sonda a natureza humana a partir de uma visão feminina. A obra também contém uma novidade: é a primeira vez que a autora curitibana publica haicais. Destaque para os versos de “Ardor”, “Peça”, “Manto”, “Aos Pés da Letra”, “Terço”, “Auto” e “Sandálias de um Esquecimento”.



### O PRINCÍPIO DA INCERTEZA

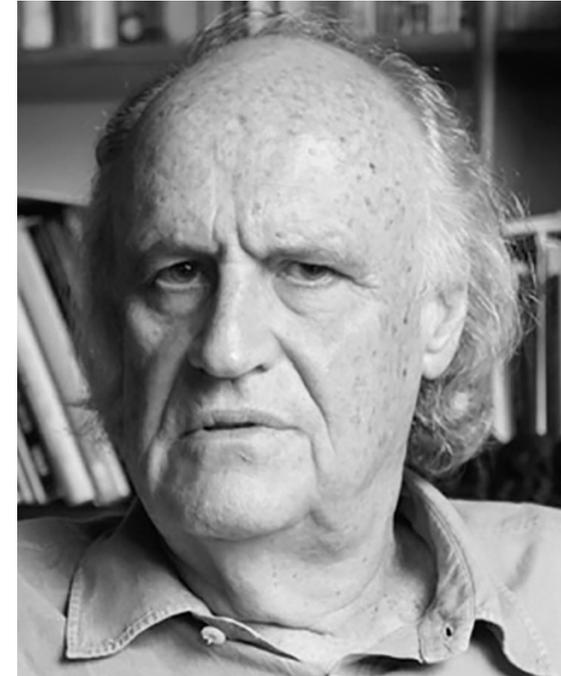
**Guido Viaro, Insight, 2019**

Félix Aéras leva uma vida pequeno-burguesa confortável e vazia, com pouca ação e quase nenhuma emoção. À beira de completar 60 anos de idade e ainda solteiro, o apático professor da Sorbonne está prestes a se aposentar. Gasta parte de seu tempo com flertes pouco promissores e trabalha em dois romances, uma *Autobiografia do Universo* e um livro sobre o empresário francês do século XV Jacques Coeur. Quando seu único amigo morre e Félix passa a morar com Clara, uma curiosa obra sobre o compositor clássico Robert Schumann surge e a narrativa — em harmonia com os passos do protagonista — se torna turbulenta, nebulosa e metaliterária.



## curta da BPP

KRAW PENAS



## BATE-PAPO COM FRANCISCO ALVIM

O poeta mineiro Francisco Alvim é o convidado de setembro do projeto Um Escritor na Biblioteca. O bate-papo acontece no dia 10, às 19h, no auditório da Biblioteca Pública do Paraná, com entrada gratuita. Nascido em Araxá, em 1938, Alvim é um dos pioneiros da chamada poesia marginal brasileira. Participou da coletânea *26 Poetas Hoje* (1975), organizada por Heloísa Buarque de Holanda e que também lançou nomes como Waly Salomão e Zulmira Ribeiro Tavares. Estreou “oficialmente” em 1981, na coleção *Cantadas Literárias* da editora Brasiliense, com *Passatempo* — livro que reunia poemas publicados de maneira independente desde 1968. Suas obras mais recentes são *Elefante* (2000) e *O Metro Nenhum* (2011).

## PENSATA

A coluna Pensata abre espaço para que autores reflitam sobre um tema sugerido pela equipe do **Cândido**. Nesta edição, Juliana de Albuquerque questiona se a leitura, por si só, surte efeito positivo no desenvolvimento do indivíduo.

# OS RISCOS DA LEITURA

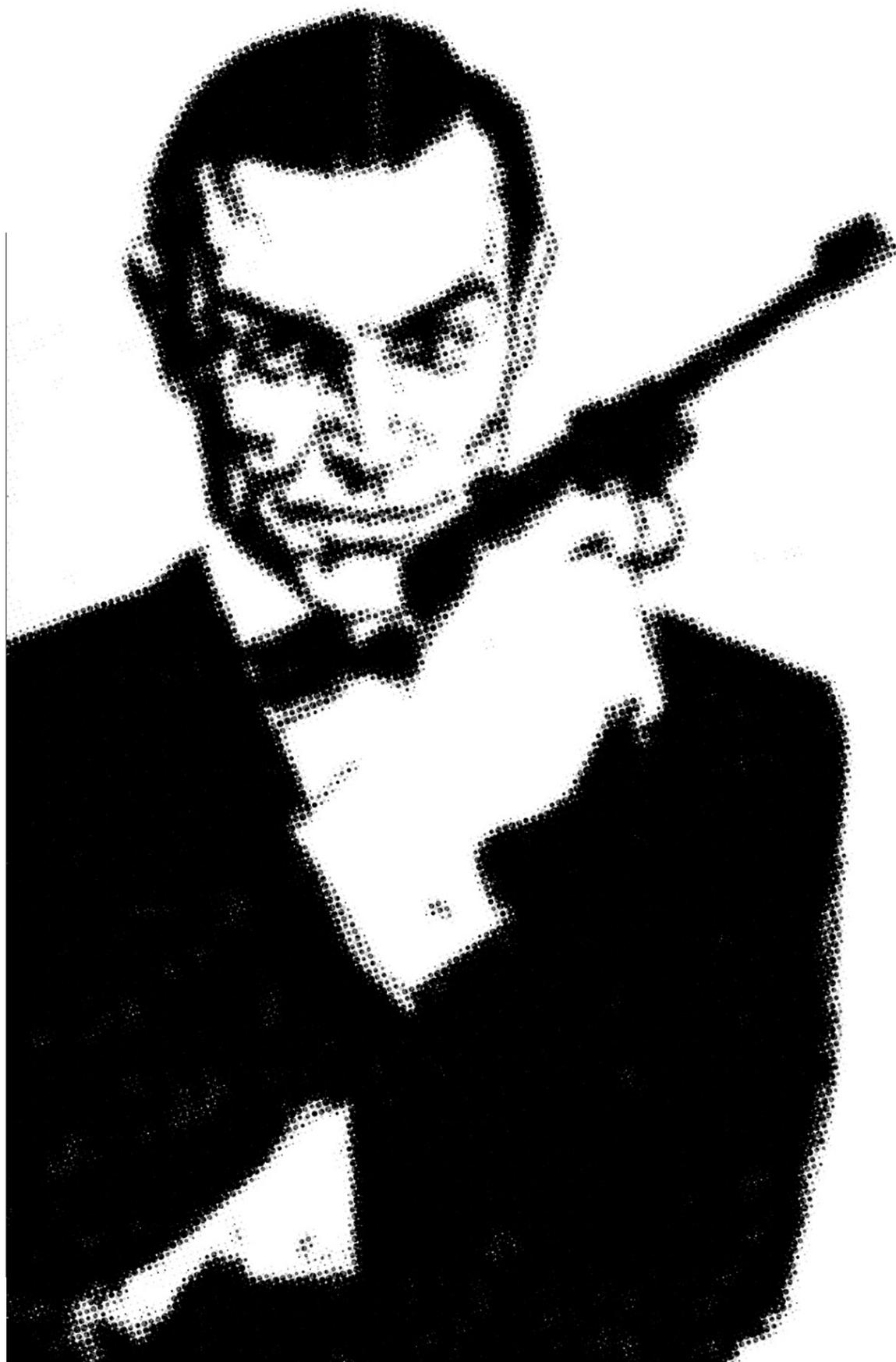
JULIANA DE ALBUQUERQUE

**T**alvez, mesmo inconscientemente, tenhamos a impressão de que a leitura nos transforma em pessoas melhores, forçando-nos a exercitar habilidades sociais e afetivas que muitas vezes não encontramos oportunidade de fazer uso em nosso cotidiano.

Isto posto, não é de surpreender que filósofos e estudiosos do comportamento humano — a exemplo de Martha Nussbaum e Fritz Breithaupt — busquem na literatura uma resposta para as suas pesquisas sobre os efeitos da empatia na conduta moral dos indivíduos. Mas será que todo livro surte igual efeito positivo em nosso desenvolvimento? O que dizer, portanto, das leituras que nos metem em apuros, como os romances de cavalaria que levaram o solitário Dom Quixote a tomar por gigantes simples moinhos de vento?

Entre esses pesquisadores, Breithaupt serve-se da tradição literária alemã para investigar a hipótese de que, muitas vezes, o exercício da empatia através da leitura pode nos colocar em situações indesejáveis, a despertar no indivíduo impulsos contrários à tese de que a nossa identificação com as emoções e circunstâncias de uma personagem estaria relacionada à promoção de práticas que também beneficiam outras pessoas.

Isto é o que acontece com Anton Reiser, personagem que empresta nome ao romance autobiográfico de



Karl Philipp Moritz, acometido por um vício de leitura semelhante à nossa dependência dos conteúdos compartilhados na rede, que compromete tanto o seu rendimento escolar quanto a sua sociabilidade.

Ora, de tanto ler, Reiser isolava-se do seu contexto social para encontrar abrigo nas situações vividas por algumas das suas personagens prediletas, como o protagonista de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, com quem ele se identifica ao ponto de imaginar que as palavras de J.W. von Goethe sejam verdadeiras expressões dos seus pensamentos de menino. Diz-nos Moritz:

“Reiser acreditou se reencontrar em Werther, com todos os seus pensamentos e sentimentos, menos na questão do amor. — ‘Deixa que este livrinho seja teu amigo se, por fatalidade ou por culpa própria, tu não puderes encontrar outro mais próximo que ele.’ Reiser pensava nessas palavras todas as vezes que tirava o livro do bolso — achava que elas cabiam perfeitamente na sua situação. — Pois, em seu caso, acreditava ser em parte o destino, em parte ele mesmo, o culpado por ser tão abandonado no mundo; e não podia conversar com o amigo da mesma maneira que conversava com o livro.”

Quando adolescente, os livros de Ian Fleming fizeram-me sentir

capaz de desprender-me da infância, como se a curiosidade pelo mundo e o sexo oposto fossem o bastante para estabelecer a consciência dos riscos que eu correria ao encarar as situações da vida adulta.

Ora, não nego que as aventuras de James Bond tenham me ensinado uma porção de coisas interessantes. Afinal, os romances de Fleming foram responsáveis tanto pelas minhas boas notas em Inglês, como pelo meu crescente interesse por Literatura, História e Geografia. Ferramentas que, mais tarde, mostraram-se úteis para o meu desenvolvimento profissional. Porém, duvido muito que, aos 13 anos, o domínio da coquetelaria devesse figurar entre as minhas prioridades.

Com efeito, a história do meu primeiro drinque só me trouxe muito choro e dor de cabeça, além de uma bela bronca e alguns dias de castigo. Lembro-me de que a receita de Martini em *Cassino Royale* tinha gosto de remédio e que — mesmo fingindo coragem — não consegui sorver toda a beberagem.

Tonta, nauseada e sem entender que estava embriagada, deixei o bar antes mesmo de pedir a conta. E, como quem suspeita de que fora envenenada por um agente inimigo, escondi-me em uma lanchonete do centro da cidade até encontrar uma maneira de voltar para casa.

Ao fim deste episódio, atentei para a hipótese de haver perdido o juízo. Tanto em casa como na escola, notei que o meu papo estava cada vez mais enfadonho. Dando-me a impressão de que toda a minha imaginação estivesse direcionada para um único tema — a história dos grandes serviços secretos durante a Guerra Fria — e concluí estar viciada em um tipo específico de literatura, a relatar experiências completamente alheias às minhas circunstâncias.

Hoje não tenho dúvida alguma de que a leitura compulsiva de romances de espionagem fora a maneira que eu encontrei para lidar com as consequências da separação dos meus pais; o que, na época, forçou-me a simular uma espécie de maturidade que eu ainda não havia desenvolvido.

Assim como as reiteradas leituras de *Werther* levaram Reiser ao isolamento, a fantasia de tornar-me um agente secreto acabou por alimentar todas as justificativas que eu encontrava para me distanciar cada vez mais das pessoas, por medo de revelar qualquer desajuste familiar.

No entanto, acredito que mesmo as leituras que nos metem em apuros são capazes de render bons frutos. Para isto, faz-se necessário refletir sobre o que esses textos representam em um dado momento das nossas vidas. Assim, ousou dizer que cada leitor traz consigo uma bagagem afetiva a interferir na apreciação de um texto.

Algumas vezes, esta bagagem nos impede de ver algo pelo que ele realmente é. Contudo, superado esse obstáculo inicial, aprendemos a navegar pelo universo dos livros com maior destreza; sem correr o risco de, mais uma vez, confundirmos os dramas de uma personagem com a nossa própria realidade. ■

---

**JULIANA DE ALBUQUERQUE** é escritora e colunista do jornal *Folha de S. Paulo*. Mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv, Israel, atualmente cursa doutorado em Filosofia e Literatura Alemã na University College Cork, Irlanda.

 **UM ESCRITOR na BIBLIOTECA**

# JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA



O escritor paulista João Anzanello Carrascoza vem de uma família ligada aos livros e à fabulação. Sua mãe, que foi professora do ensino fundamental, “sempre teve um livro na mão”. O pai, um comerciante de cereais, contava histórias para os filhos antes de dormir. Não foi à toa que ele se tornou, logo cedo, um “rato de biblioteca”. “Até meus 30 anos, praticamente, comprei poucos livros. Fui um leitor de biblioteca, por isso sou muito grato por elas existirem”, diz Carrascoza, convidado do quarto encontro da temporada 2019 do projeto Um Escritor na Biblioteca, mediado pelo jornalista Yuri Al’Hanati.

Quando a modesta coleção de livros da família foi inteiramente consumida, o autor de *Aos 7 e Aos 40* (2013) devorou as bibliotecas das escolas de ensino fundamental e médio em que estudou, passou pelas bibliotecas públicas de Cravinhos — onde nasceu, em 1962 — e Ribeirão Preto e desembocou nas estantes da Universidade de São Paulo, onde estudou Publicidade e Propaganda.

Foi morando na capital paulista que Carrascoza escreveu seus primeiros contos, estreou na literatura infantojuvenil (com *As Flores do Lado de Baixo*, lançado em 1991), participou — com sucesso — de prêmios literários e aprendeu a vender histórias no dia a dia como publicitário. “A diferença da ficção para a publicidade é só que a ficção é visceral, é tua”, afirma.

Depois de transitar pelo conto, com livros como *Hotel Solidão* (1994) e *O Vaso Azul* (1998), e abandonar a vida de publicitário, o escritor passou a se dedicar também à narrativa de fôlego. Publicou, entre outros, os romances da “Trilogia do Adeus”: *Caderno de um Ausente*, *Menina Escrevendo Com o Pai* e *A Pele da Terra*, todos de 2016.

#### DESCOBERTA

Minha carreira literária é por conta da leitura. Me apaixonei pela literatura sendo um leitor. Isso se deu na cidade de Cravinhos, onde nasci. Minha mãe foi professora de ensino fundamental e sempre teve um livro na mão. Isso me fez pensar no significado daquele objeto para ela. Ela tinha uma estante com muitos livros, dentro do possível de uma vida doméstica. Antes de aprender a ler, eu ficava perguntando: “O que tem aí nesses livros?”. E ela falava: “Histórias”. E eu: “São histórias que quero ouvir”. E eu ouvia muito dela, do meu pai e de outras pessoas da família. Depois de aprender a ler e escrever, li todos os livros dessa pequena biblioteca da casa. Alguns eram para adultos, mais complexos, então eu não tinha muito desejo de os ler. Não tinha compreensão, não queria mergulhar naquelas águas ainda. Talvez não estivesse pronto, não soubesse nadar naqueles livros, porque eles têm várias camadas, várias superfícies. Lembro que o primeiro que peguei era uma compilação d’*As Mil e Uma Noites* — algumas histórias, não o livro inteiro. Ali, vi que eu podia seguir para outro universo.

#### INFLUÊNCIA FAMILIAR

Meu pai contava histórias, quando éramos crianças, na hora de dormir. Fui procurar as histórias que ele contava, e não achei em nenhum lugar. Como o pai tinha descendência espanhola, pensei em procurar em livros espanhóis. Perguntei para os meus tios e parentes mais velhos, ninguém sabia. Certamente ele inventou essas histórias. Então, ao fim e ao cabo, é como se eu estivesse realizando algo que ele já vinha fazendo. Sou muito grato ao destino por isso. Tem um poema do Vinicius de Moraes que cita o poeta Clodoaldo de Moraes —

era o pai dele, um poeta menor. O Vinicius disse que talvez ele tenha sido um poeta porque foi exercitar e colocar na plenitude algo que já havia no esteio da família, e que uma hora ia explodir na mão de um. Da mesma forma, acho que o meu pai já tinha feito um caminho. Depois ainda fui saber que, antes dele, o bisavô da minha mãe, que veio da Itália, andava pela cidade fazendo poemas. Sinto que vim cumprir um caminho. Isso me agrada e me faz ser muito grato, também, porque eu trabalhei para que isso acontecesse — li, estudei, escrevi. E continuo aprendendo. Atuo como professor não porque acho que tenho um saber que quero partilhar, mas porque quero aprender. Quero aprender mais.

#### VÍNCULOS AMOROSOS

Na escola onde eu estudava, no ensino fundamental, tinha uma pequena biblioteca e comecei a frequentá-la, porque não tinham mais livros em casa. Depois de dois ou três anos, li todos os livros de lá. “Pô! Não tem mais livros. Como é que eu faço?” No quarteirão de cima tinha uma escola de ensino médio, com pessoal de mais idade estudando. Não queriam me deixar entrar, porque eu era criança e não estudava lá. Acabaram abrindo uma exceção, aí comecei a frequentar o colégio. Eu era pequenininho no meio dos adolescentes bem grandes. Tinha uma bibliotecária que era estudante, devia estar no que hoje é o segundo ou terceiro ano do ensino médio, e me dava dicas de livros. Depois de tanta relação, de conversar sobre livros, me apaixonei por ela. A literatura me levou a descobrir os vínculos amorosos.

#### BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Quando me tornei aluno do ensino médio, nessa mesma escola que

frequentava quando ainda era criança, já tinha lido todos os livros de lá. Por sorte abriu uma biblioteca pública na cidade de Cravinhos, um espaço até razoável do lado da prefeitura. Comecei a frequentar. A bibliotecária era minha prima, então ela ligava para minha mãe e dizia: “Chegaram livros novos”. Eu tinha 16 anos e li todos os livros dessa biblioteca. Tive que ir para Ribeirão Preto, que é uma cidade próxima. Lá comecei a frequentar uma biblioteca maior. Existia uma academia de escritores, a Academia Ribeirãopretana de Letras. Eu, com meus 16 anos, falei: “Vou abrir a Academia Cravinhense de Letras”. Comecei a fazer meus primeiros textos, que eram poéticos. Entrei na literatura como um poeta. Depois de ler tudo que tinha em Ribeirão Preto, inventei a Academia Cravinhense de Letras.

#### DEBUTE POÉTICO

Esse negócio de Academia Cravinhense de Letras era uma brincadeira, mas encontrei algumas pessoas na cidade que escreviam e queriam se expor. A gente se reunia uma vez por semana na casa de um dos membros. Isso durou um ano, porque depois fui para São Paulo. Nessa época eu escrevia muita poesia. Cheguei até a publicar um livro do meu próprio bolso, *Coração Mudo*, guardando minhas “mesadinhas”. O diretor da minha escola, que tinha prometido uma bolsa de um cursinho de Ribeirão Preto para quem tivesse o melhor desempenho, falou: “Isso é coisa rara na cidade, um sujeito estar publicando um livro”. Aí ele fez uma festa na cidade, levou a minha mãe, a professora que me alfabetizou, a minha primeira professora de português. Foi emocionante. Mas, quando fui para São Paulo, percebi que aquilo tinha sido apenas um momento.

## UM ESCRITOR NA BIBLIOTECA

### VESTIBULAR

Meu pai morreu num acidente de automóvel quando eu tinha 14 anos. Fiquei pensando no que ia fazer da vida. Como gostava de literatura e de escrever, procurei e encontrei. Existia a Publicidade, uma profissão na qual você podia vender por meio da palavra. Depois, descobri que podia vender por meio das histórias também — um *spot* de rádio, um comercial de televisão. Lembro que na minha família ninguém entendia. “Por que você vai fazer publicidade?” Nem eu entendia também. Quando eu estava no segundo ano do ensino médio, um professor de Ribeirão Preto falou: “Tem um cursinho que vai dar uma bolsa para o melhor aluno que participar das aulas junto com o último ano do ensino médio”. Ganhei a bolsa, estudei para caramba naquele ano. Fiz o terceiro colegial e o cursinho. Presentei vestibular na Escola de Comunicação e Artes em São Paulo e passei. Fui descobrir se essa cidade era o que eu imaginava mesmo. Morei na casa de uma tia, irmã de meu pai. Foi um período muito bom.

### SÃO PAULO

Aos 17 anos, fui para São Paulo estudar Comunicação. Morei numa rua na frente de uma Seção Circulante da Biblioteca Mário de Andrade, então podia retirar livros, já que na principal você tinha que fazer a leitura lá. Nos primeiros cinco, seis, sete anos da minha jornada em São Paulo, como estudante universitário, li nessa biblioteca. Quando fui estudar na Universidade de São Paulo, falaram: “Tem a biblioteca da Escola de Comunicação e Artes, onde você estuda, mas tem a da Letras, Filosofia e

História também”. Aí fiquei louco, virei um frequentador muito contumaz. Até depois do meu primeiro emprego, que foi numa agência de propaganda na Avenida Paulista, eu atravessava a rua e tinha o prédio — ainda existe — da Fiesp. Existia uma biblioteca ali, e tinha uma coisa fantástica: um bloco para sugestões de livros. Eu lia nos jornais — *Folha de S.Paulo*, *Estadão* — os livros que estavam saindo, sugeria e uma semana depois eles estavam lá, registrados. Até meus 30 anos, praticamente, comprei poucos livros. Fui um leitor de biblioteca, por isso sou muito grato por elas existirem.

### “ALUMBRAMENTO”

Praticamente todo livro que eu lia, usando um termo do Manuel Bandeira, era um “alumbramento”. Por exemplo, *As Mil e Uma Noites* me levava para a Pérsia, viajando com Aladim e a lâmpada maravilhosa. Não é legal você ter uma lâmpada que te oferece desejos e tal? E depois, de repente, pegava outro livro e era um Balzac, então você estava na França de um certo século, com outras situações, vivenciando outros dramas e outros tipos de histórias.

### POTÊNCIA LITERÁRIA

O livro não é uma obrigação. O livro tem que ser uma ponte para você seguir efetivamente para um universo que pode te levar a um sentimento maior, a uma compreensão maior da sua existência. Mas pode ser uma diversão, uma viagem de levezas também. O livro não precisa só te levar para pontos sombrios da sua própria individualidade. Por outro lado, pode te levar para regiões mais solares do mundo e de si mesmo.



### PRIMEIRAS HISTÓRIAS

Em São Paulo, comecei a escrever minhas primeiras histórias, de um jeito que não queria expor só um “eu”. Queria que esse eu estivesse circulando por uma narrativa. Escrevi dois ou três contos curtos. Existiam muitos concursos de contos na época. Entrei num que era da cidade de Bauru, ali na minha região. Recebi a notícia da vitória por um telegrama. Aí fui para Bauru. Era um concurso em que você ganhava dinheiro e eles publicavam um livro junto com outros textos classificados. O júri foi composto por importantes acadêmicos e escritores — Ricardo Ramos, filho do Graciliano, a contista Márcia Denser, o Caio Porfírio Carneiro.

### PRÊMIOS EM CURITIBA

Depois de publicar o livro infantil *As Flores do Lado de Baixo* [1991], fiz uma oficina de literatura com o João Silvério Trevisan. Ele me orientou: “Você precisa de um projeto. Não tem que ficar fazendo conto avulso”. Então escrevi um livro de contos mais coeso, com narrativas que tinham ligação entre si, e o inscrevi no Concurso de Contos do Paraná, nos anos 1990. Venci com o livro *Hotel Solidão*, que inclusive foi publicado pela Biblioteca Pública. Tenho uma história muito feliz com Curitiba. Dois anos depois, voltei à cidade por causa de um concurso de literatura infantil. Eu tinha escrito *De Papo com a Noite* e mandei para



esse concurso. Também venci. Pensei: “Curitiba é a cidade!”.

#### PARA CRIANÇAS

Uma pessoa que trabalhava comigo numa agência de publicidade, em São Paulo, me falou: “Por que você não vai numa escola contar histórias?”. Não aceitei a princípio, porque tem toda uma dinâmica para se contar histórias e eu era somente escritor, mas acabei indo. As pessoas gostaram e me pediram para voltar. Não queria voltar para contar histórias que não eram minhas, então escrevi uma, *As Flores do Lado de Baixo*, e fui contá-la. Tinha uma pessoa de livraria nesta leitura que me falou: “Faço feiras de livros em escolas, conheço todas as editoras e a sua história é muito legal. Você não quer me dar uma xerox? Quero mandar para umas editoras”. Um dia recebi uma carta da Melhoramentos, que era do Ziraldo, querendo publicar minha história. Então publiquei um livro infantil antes dos contos que já tinha escrito.

#### ROMANCES JUVENIS

Antes de publicar *Aos 7 e aos 40*, que é considerado um romance adulto, eu tinha publicado quatro romances para jovens. Um deles é o *Ladrões de Histórias*, lançado há mais de uma década, antes dessa viagem da internet, que era meio como *O Jogo da Amarelinha* [de Julio Cortázar]. Você ia terminando os capítulos e tinha duas ou três opções para escolher como continuar. Então, por progressão aritmética, tinham 70 leituras diferentes do livro. Depois, publiquei *O Jogo Secreto dos Alquimistas* e *A Lua do Futuro*, que tinham um caminho mais tradicional, mais linear. Mas ninguém lembra.

#### DRUMMOND

No colégio de ensino médio, onde eu pegava livros quando ainda era criança, achei um que foi iluminador — *As Impurezas do Branco*, do Carlos Drummond de Andrade. Não é um livro maior do Drummond, mas foi publicado nos anos 1970, por aí, e começava com um texto chamado “Ao Deus da Comunicação”. Ele vai falando sobre o dia que começa, escreve comunicação com “k”, de um jeito totalmente diferente, e vai trazendo o que acontece num dia, mostrando as diferenças e as incomunicabilidades humanas. Pensei: “Mas pode fazer um poema assim, que não tem rima, que o cara fala o que quiser? E que, ao mesmo tempo, traz assuntos meio prosaicos?”. Só depois

fui entender que o Drummond fazia o jogo de uma voz elevada com uma voz mais do mundo da superfície, da lírica cotidiana. Esse livro me deslumbrou. Percebi que podia fazer literatura daquele jeito, e fui buscar outros livros do Drummond.

#### RADUAN NASSAR

Outro livro que foi uma luz para alguém da minha idade é *Um Copo de Cólera*, do Raduan Nassar. É um livro que tem uma prosa lírica, mistura o lírico com o épico. Foi outro alumbramento. Acho que esses livros, do Drummond e do Raduan, foram pautando um pouco o meu caminho. No tipo de história que escrevo, estou sempre preocupado com a linguagem. Ela pode dizer, iluminar, embelezar. Aprendi isso com o Raduan, que dizia: “Você vai usar uma metáfora para dizer algo mais rápido e mais bonito? Senão não precisa da metáfora”. Aí você acaba saindo do documental, do puro registro óbvio, para buscar uma palavra, um jeito, uma analogia, uma comparação.

#### PUBLICIDADE

Aprendi muito no dia a dia da publicidade. Tinha que fazer textos de dez linhas, anúncios de mídia impressa, escrever histórias para televisão. Escrevi muitos roteiros, fiz muitos filmes publicitários — tinha que ter personagens, contar histórias, e isso tem que acontecer muito rapidamente. Tem uma questão pragmática aí. Quando a gente escreve uma história, ela tem um porquê, uma demanda nossa. A diferença da ficção para a publicidade é só que ela é visceral, é tua. Como redator publicitário, ela é de outro. Você se coloca na posição de ser a voz desse outro, já que ele não consegue trabalhar com a linguagem da mesma forma que você.

## UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

### ESTADO DE ESPÍRITO

Embora gostasse de ler prosa, eu era um sujeito muito voltado para as questões íntimas. Isso aparece muito na literatura que faço, que é mais direcionada para a vida interior, para os laços afetivos, para as relações entre as pessoas, e não muito para a vida exterior, embora também traga toda uma substância social. São sempre histórias voltadas muito para o homem, seus embates com o tempo, a relação com o outro, e esse sujeito acaba precisando se posicionar diante do mundo, apesar da sua solidão, da máquina do mundo que ele não compreende direito. Então a poesia se tornou algo muito mais próximo do meu estado de espírito. Quando vou escrever uma história busco ritmos, como se estivesse vindo uma música, para compor a narrativa em si. Acho que isso vem do mundo da poesia.

### OBRA CONSTITUÍDA

O Fernando Paixão, que foi meu amigo e um dos editores da Ática, me disse: “Você tem que fazer o seu livro circular. Tem que mandar para os escritores, para os críticos, para os jornais”. Eu não sabia como fazer isso, então ele me passou o nome de várias pessoas. Uma delas se chamava Raduan Nassar. Eu tinha lido *Um Copo de Cólera* e *Lavoura Arcaica*. Um dia ele me ligou: “Recebi seu livro. Gostei muito. Encontrei consonâncias com o mundo que eu gosto, que tem o lírico, que tem a prosa. Consigo reconhecer o interior de São Paulo aqui”. Ele me convidou para ir à casa dele tomar um café e me falou dos contos, o que tinha gostado e tal. Nessa época eu já tinha acabado a oficina com o João Silvério e escre-



vi *O Vaso Azul* — até o dediquei para o Raduan, que foi meu leitor crítico. Olha que sorte, né? Depois desse livro, segui publicando uma variação entre o conto e a literatura infantojuvenil. Quando vi, já tinha uma obra constituída — ainda em progresso, obviamente, mas já com certa regularidade. Aí outras editoras começaram a ter interesse. Publiquei os livros de contos *Duas Tardes*, *Dias Raros*, *A Vida Naquela Hora*, *Amores Mínimos*, *Espinhas e Alfinetes*. Depois, por uma demanda mais íntima, vieram os ro-

mances. Saí da agência de propaganda em 2008, há pouco mais de dez anos, e quis me dedicar à narrativa longa.

### MÉTODO

Gosto sempre de fazer os capítulos com um núcleo narrativo, de modo que também possam ser lidos independentemente. Talvez este seja um defeito do meu lado contista, mas me interessa você ler só aquela parte. Quero que o leitor saia dizendo: “Estou lendo alguém, não estou lendo algo, um pedaço de alguma coisa. Estou lendo um texto que sai para outros universos, para outros vetores. Mas consigo perceber que ele tem uma densidade por si mesmo, que posso descer em camadas”. Os romances foram vindo desse jeito.

**AOS 7 E AOS 40**

Me impus o objetivo de fazer uma história mais longa quando fui escrever *Aos 7 e aos 40*. Boa parte do que a gente faz na literatura é uma resposta à nossa posição de leitor — no meu caso, pelo menos, é. Sou aficionado pela obra do Graciliano Ramos, com ênfase em *Vidas Secas*. Quem conhece sabe que é um romance mal suturado, um monte de contos. O próprio Antonio Candido diz que o livro é uma rosácea, porque tem pétalas. Não é uma história linear, tradicional. Para mim, foi um modelo. Pensei que gostaria de fazer um livro em que cada capítulo fosse encerrado em si mesmo, mas também tivesse comunicação com os demais. Que irrigasse. Fosse um rio de histórias, não um único rio com uma única história. Aí eu pensei nessa história: uma de encanto, aos 7 anos, e o desencanto dos 40, que era uma época que eu estava vivendo. É como se fossem dois modelos, arcos reflexos que dialogam e com mudanças de foco narrativo do mesmo sujeito.

**TEMA**

O tema não é uma bandeja que passa e você fala: “Ah! Vou pegar esse aqui”. Você é o tema. Você tem uma história. A Hannah Arendt dizia que cada um de nós tem uma história para contar, e vai ser essa história que a gente vai contar a vida inteira. É curioso que, quando você vai escrevendo muito, parece que você muda os personagens, mas no fundo tem um núcleo narrativo — a mesma história. A sua existência é para contar aquela história, porque existem outros que vão contar outras histórias e isso vai trazer a pluralidade. Você tem



que se refinar, tem que buscar mais fundo ainda e tentar se aproximar dessa história. O fato de você não executá-la da forma que imaginava o leva a fazer de novo. É por isso que a gente continua escrevendo. No dia em que você ficar satisfeito com uma história, não tem mais por que escrever.

**SENTIMENTO ESSENCIAL**

Não consigo escrever nada sem estar tocado. É preciso estar afetado pelo mundo ou por alguma situação, sentimento, som, aroma, alguma visão. Às vezes, alguma frase. Você tem que estar tomado, possuído. No romance isso tem que estar potente o tempo todo. No *Caderno de um Ausente*, por exemplo, um pai dá as boas-vindas para uma filha que vem ao mundo. É algo de muita responsabilidade, porque você está dando a morte também. É toda uma expe-

riência de contentamento, desencanto, alegria, descobertas. É o encontro profundo com a condição humana. Se eu não estiver tocado, prefiro nem escrever. Agora, é claro que depois disso há todo um processo de atuação com a razão. A literatura é a reconstrução racional de uma emoção. É preciso ter uma escolha lexical, musicalidade, o nome dos personagens — tudo isso passa pela razão, pelo intelecto. Mas, sem o impulso de uma paixão, que pode vir da inquietude, da falta de calma, da dor, de peso e sofrimento, não dá para ir adiante. ■

ROMANCE | MÁRCIA BARBIERI

# A CASA DAS ARANHAS

**N**ão exijam bons modos dos que estão fora do sistema. Não peçam silêncio aos defuntos, eles são ruidosos, porque insetos copulam entalados em suas gargantas. Não exijam explicações demasiadas, apenas os verborrágicos usam palavras em excesso. Não me peçam elucidações infundáveis. Não me peçam explicações sobre os mortos que enterei. Não me peçam esclarecimentos das manhãs insólitas. Os dragões verdes habitam os devaneios dos homens inválidos. Trago traços de insônia desde que nasci. Trago na carcunda os pecados dos meus progenitores. Trago no corpo a vertigem dos desarmados e na cabeça as cicatrizes dos que dormem pouco. Não posso evitar o peso de uma cabeça que pende feito um fruto adormecido. Tenho pesadelos intermináveis. E você jamais conseguiria interrompê-los. Choro pelas crianças que nasceram sem sonhos e sem vísceras. Trego no dorso de éguas indomáveis. Gaguejo na língua incontrolável dos aflitos. Lido com assombros o tempo inteiro. Os monstros que devorei ainda embulham meu estômago. Não quero me perder em tautologias infundáveis. Como uma pergunta retórica poderia me salvar do afogamento? Como uma luta e um quebrar de ossos poderia me resgatar da letargia? Como uma revolução poderia restaurar a minha fé? Como os estilhaços deixariam de profetizar a catástrofe iminente? A minha salvação virá das matérias silenciosas. Minhas narinas

tremem, entretanto, o ar é rarefeito. Aperto a gravata negra dos desacordados. Os enforcados gastaram todo o seu fôlego em coisas inúteis, tenho pena da fé dos burocratas. Trago nas mãos flores de outros mundos. Vivo entre o sono que nunca vem e a lucubração que jamais se finda. Nem por isso me entregarei aos que têm o sono tranquilo. Não confio nos homens que não encharcam de rumores seus travesseiros. Não gastarei saliva com discursos dissonantes não desperdiçarei carícias nas rachaduras das rochas nem discutirei o silêncio impróprio das pedras. Não se vive a desgraça a não ser através do próprio corpo. Veja, olhe para a sua carcaça, ela é a prova quase morta dessa sentença. Não ralharei com os cupins que devoram a seiva dos troncos brancos. Mas, se apoiar o ouvido nas árvores posso escutar o barulho da ruminância, se apoiar as narinas posso sentir o odor de madeira contaminada. Não abrirei trilhas para os homens que caçam os cervos, tampouco salvarei os cervos da matança dos homens. Não acredito em um país sem mortos e sem decretos. Acredito apenas nos animais que conseguem ludibriar os seus predadores. Não cavarei a cova das formigas graúdas. Não sufocarei os grunhidos das bestas. Não comerei a carne insólita dos urubus. Não chorarei sobre a mortalha dos monstros. As mulheres santas e fingidas se encarregarão dessa função. Não abrirei as mandíbulas exageradas da noite. Não agradecerei

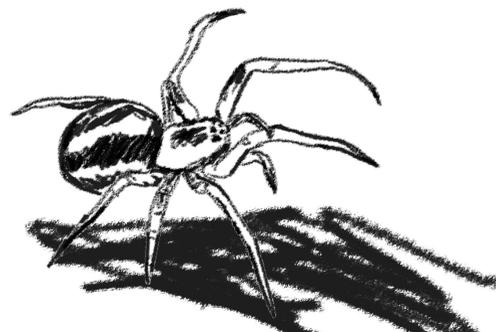




ILUSTRAÇÃO: BENETT

aos guardas que impedem a fuga dos assassinos. Não despejarei minha bile em fossas de concreto. Não farei vigília dentro dos alojamentos dos cães. Não arrancarei os ovários das cadelas no cio para que não procriem, deixe a natureza perseverar em sua ignorância e em sua vontade insana de proliferar. Graças a essa proliferação descontrolada nasceram os desajustados da minha estirpe. Graças a esse descontrolado hormonal somos uma nação de infelizes. Não farei ninhos para os pássaros cansados, deixem que voem a outras paragens. Não furtarei carne nos abatedouros, tenho pena dos animais grandes e indefesos. Cansei de sufocar o riso dos bichos rastejantes. Não julgarei o choro simulado dos crocodilos, cada ser encontra uma forma peculiar de se defender, nem todos os seres são dotados de dentes e carapaças. Não roerei o osso dos inválidos. Não lamentarei pelas trapaças que falharam. Os fracassados também merecem um palmo dessa terra miserável. Não saciarei a fome dos homens desajuizados. Não polirei o cérebro dos idiotas. Não impedirei a matança dos inocentes. Na guerra todas as espécies de morte são justificáveis. Não roubarei no peso incomensurável das maçãs. Cansei de escorregar nos musgos dos seus músculos, cansei de gritar dentro dos seus buracos e esperar a reverberação dos ecos. Alguns corpos são feitos de orvalhos e silêncios. Respeito a noite e a solenidade dos homens tristes, porque dentro de mim existe um velório que nunca termina. Acenda as velas e sinta meu corpo morrendo em vida. Fecho os olhos e cruzo as mãos sobre o ventre inchado. As mães deveriam partir antes de parir, evitaria esse fim funesto. Ao redor do meu corpo magros fantasmas contam os dedos dos meus pés. Este é o meu primeiro ensaio para a morte. Eu

sei, não precisa pronunciar de novo e de novo as mesmas expressões idiomáticas, no começo te excitava me escutar em uma língua incompreensível, um dialeto além-mundo, quase inaudível, porque é mais fácil lidar com a mudez do que lidar com a verbosidade, é menos doloroso lidar com o silêncio do que com o gume das palavras, ainda soletro fonemas antigos em frente ao espelho, escondida feito um rato encurralado. Você ditava signos que eu desconhecia por completo, tateando e procurando um significado que correspondesse aos seus anseios, mas com o tempo você me obrigou a costurar meus lábios, construir vazios na soleira da boca, enterrar minha língua, me fez decorar cada minúcia da sua própria angústia, engolir a sua singular escuridão, distinguir as palavras homógrafas, como se eu fosse capaz de entender contextos diversos, eu que praticamente conhecia apenas a irregularidade do seu corpo, tibia, rótula, patela, escápula, ombros... Agora não faz mais diferença nenhuma. Você não pode soletrar o seu desespero. Você já não pode resmungar, em língua alguma, todos os sons soam exóticos, quem sabe consiga ainda articular pequenos gemidos, estalar ruidosamente as falanges dos dedos menores, inventar embustes aos fantasmas que te sondam, arquitetar armadilhas às crianças perversas que nos vigiam, armar emboscadas aos defuntos que te esperam do lado de fora [...]

**MÁRCIA BARBIERI** nasceu em Indaiatuba (SP), em 1979. É autora dos romances *A Puta* (2014), *O Enterro do Lobo Branco* (2017) e do ainda inédito *A Casa das Aranhas*, que será lançado no final de 2019 e do qual o **Cândido** publica este trecho. Como contista, lançou *O Exílio do Eu ou A Revolução das Coisas Mortas* (2018), *As Mãos Mirradas de Deus* (2011) e *Anéis de Saturno* (2009).

## ANTIMUSA

escreva  
não me mostre  
nunca publique

---

queremos mais que palavras

sem palavras estamos desarmados  
sem palavras não existimos  
sem palavras estamos mudos, extintos

quer mais que palavras?

então te cala

## AMOR LÍQUIDO

sem beijo  
as salivas se revoltam

boca desértica  
língua de areia  
lambendo tamanduás

quando nos beijamos  
lagoas de desejos nos inundam,  
peixes se dissolvem  
águas se liquefazem

eu quero é me afogar  
nesse pântano de cuspe

tuiuiús tuiuiam  
sobre nossos lábios,  
barrancos a desmoronar

jacarés mordem  
nossas línguas

capivaras pastam  
entres os dentes

irritantes garças bicam os céus  
de nossas bocas

---

no teu túmulo  
o meu tumulto

queria um assim pra mim

serás enterrado em cova rasa  
e tua carne devorada pelos cães

devolvi o livro e praguejei

isso de nada adianta  
pois os cães devorarão também  
teu livro raso

o que dizer  
da forma mais simples  
que pareça complexo?

por que a poesia  
se esconde indelével  
entre as nuvens?

por que a poesia  
desaparece nessas horas  
com seu ar diáfano?

são as novas idiosincrasias  
dos velhos paradigmas, meu caro

depois que você morreu  
fiz novamente aquela viagem  
pelas estradas de terra do cafuringa,  
o mesmo roteiro

mas esperei chegar  
a estação seca  
quando a passagem dos carros  
levanta muita poeira

para eu me lembrar  
no que você se tornou

o que estraga  
o poema  
é o sentimento

sinto muito

## AUTOBIOGRÁFICO

alcina cuida da casa  
o poeta pensa no acaso

ela faz contas  
eu faço de conta

ela entre notas fiscais  
oh, efusões verbais!

pagar o boleto  
ou protestar o soneto?

alcina no supermercado  
escolhe o poeta  
do superego fatiado

alcina resolve o problema  
o poeta reescreve o poema

poesia primeiro  
dinheiro depois

eu e alcina  
catando letrinhas  
(ou seriam moedinhas?)  
no feijão com arroz

finalmente te perdi  
e a reconquista  
se inicia

o território é o seu corpo  
o inimigo a brutalidade  
(alcina um dia me disse:  
eu não sou só buracos)

minhas armas  
sempre falham  
nos campos de batalha  
da alma

avanço mas abraço o vazio

---

**NICOLAS BEHR** nasceu em Cuiabá, em 1958, e vive desde 1974 em Brasília. Associado à geração mimeógrafo e à poesia marginal brasileira, publicou mais de 20 livros desde 1977, quando estreou com *logurte com Farinha*. Foi finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura em 2008 com *Laranja Seleta: Poesia Escolhida (1977-2007)*. Trabalhou como redator publicitário, fundou várias ONGs ambientalistas no Distrito Federal e hoje se dedica profissionalmente a um viveiro de plantas. Os poemas publicados pelo **Cândido** fazem parte dos livros inéditos *Alcina*, e *O Itinerário do Curativo*.

POEMAS | JIM MORRISON

TRADUÇÃO: ANDRÉ CARAMURU AUBERT

## UNTITLED

Savage destiny

Naked girl, seen from behind,

on a natural road

Friends  
explore the labyrinth

— Movie  
young woman left on the desert

A city gone mad w/fever

## SEM TÍTULO

Destino selvagem

Garota nua, vista por trás,

numa trilha remota

Amigos  
exploram o labirinto

— Filme  
uma jovem abandonada no deserto

Uma cidade enlouquecida c/febre

## UNTITLED

Why do I drink?  
So that I can write poetry.

Sometimes when it's all spun out  
and all that is ugly recedes  
into a deep sleep  
There is an awakening  
and all that remains is true.  
As the body is ravaged  
the spirit grows stronger.

Forgive me Father for I know  
what I do.  
I want to hear the last Poem  
of the last Poet.

## SEM TÍTULO

Por que eu bebo?  
Para escrever poemas.

Às vezes quando tudo sai do controle  
e tudo que é medonho recua  
para um sono profundo  
Há um despertar  
e tudo o que fica é verdadeiro.  
Enquanto o corpo é devastado  
a alma fica mais forte.

Me perdoe meu Pai porque eu sei  
o que faço.  
Quero ouvir o derradeiro Poema  
do derradeiro Poeta.

## IF ONLY I

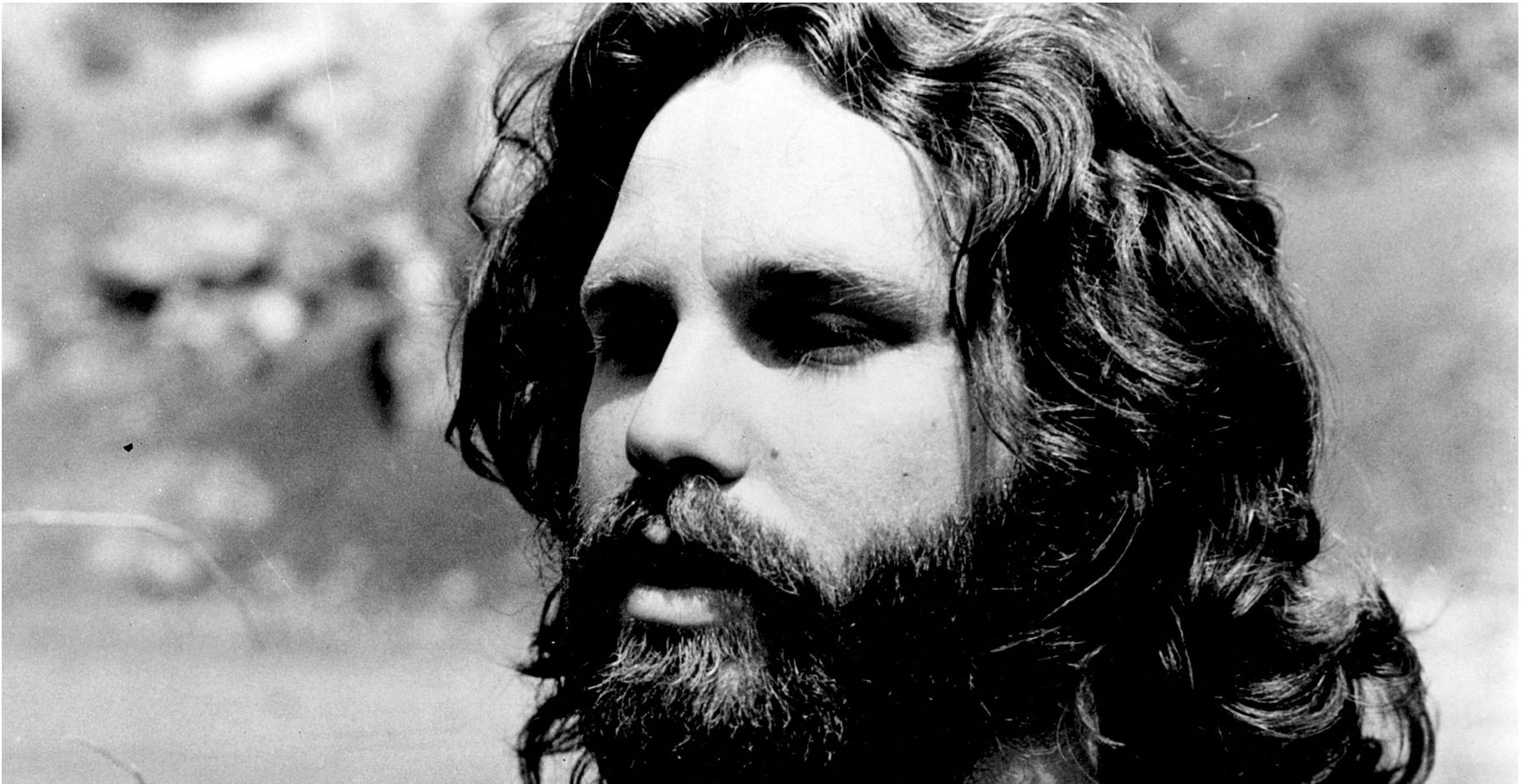
If only I  
could feel  
The sound  
of the sparrows  
& feel child hood  
pulling me  
back again

If only I could feel  
me pulling back  
again  
& feel embraced  
by reality  
again  
I would die  
Gladly die

## SE EU APENAS PUDESSE

Se eu apenas  
pudesse sentir  
O som  
dos pardais  
& sentir a in fância  
mais uma vez me puxando  
de volta

Se eu apenas pudesse sentir  
me puxando de volta  
mais uma vez  
& me sentir abraçado  
pela realidade  
mais uma vez  
Eu morreria  
Morreria feliz



## POWER

I can make the earth stop in  
its tracks. I made the  
blue cars go away.

I can make myself invisible or small.  
I can become gigantic & reach the  
farthest things. I can change  
the course of nature.

I can place myself anywhere in  
space or time.

I can summon the dead.

I can perceive events on other worlds,  
in my deepest inner mind,  
& in the mind of others.

I can

I am

## PODER

Eu posso fazer a terra parar  
em sua trajetória. Eu fiz  
desaparecer os carros destruídos.

Posse me tornar invisível ou minúsculo.  
Posso ficar gigantesco & alcançar  
o que há de mais distante. Posso mudar  
o curso da natureza.

Posso me situar em qualquer ponto  
do tempo e do espaço.

Posso invocar os mortos.

Posso sentir acontecimentos em outros mundos,  
nas partes mais profundas e escondidas da minha mente,  
& na mente dos outros.

Eu posso

Eu sou

---

**JIM MORRISON (1943-1971)** foi vocalista e compositor da banda norte-americana The Doors. É autor dos livros de poemas *The Lords and the New Creatures* (1969) e *An American Prayer* (1970). A editora portuguesa Assírio & Alvim editou ambos — *Os Mestres e as Criaturas Novas* (1987) e *Uma Oração Americana e Outros Escritos* (1981). No Brasil, existem somente traduções independentes de seus versos.

---

**ANDRÉ CARAMURU AUBERT** é escritor, poeta e tradutor. É autor, entre outros, do romance *Poesia Chinesa* (2018) e dos versos de *se/o que eu vi* (2019).

CAPA

# “NOSSO ANTI-HERÓI”

ILUSTRAÇÕES: BENETT



De volta às livrarias brasileiras com *Serotonina*, Michel Houellebecq  
é o piadista mais relevante do debate literário atual

---

PAULO POLZONOFF JR.

Michel Houellebecq escreve correndo riscos. Não que seu estilo seja muito ousado — ele definitivamente não é dado a experimentações, exceto por um fluxozinho de consciência aqui e ali. Nem que seus personagens sejam ambíguos ao limite. Os riscos que Houellebecq corre são dois, e de outro tipo, muito mais ousado, ambicioso e recompensador: o riso e a perenidade. Isso porque, como o maior escritor cômico (uma comicidade que resvala na sátira, sem jamais se embebedar realmente dela) da atualidade, Houellebecq trata, em suas obras, de temas contemporâneos, que os detratores considerarão superficiais e até preguiçosos e os admiradores considerarão relevantes e até urgentes.

A começar por seu livro de estreia, *Extensão do Domínio da Luta*, que tive o prazer de ler ainda na década de 1990, numa cópia a muito custo lida, já que tive o desprazer de viver numa época em que conseguir ler certos livros (e ainda mais sendo monoglota) era um desafio. Mas valeu a pena. *Extensão*, tive a impressão assim que terminei a leitura, e ela permanece ainda hoje, quase 25 anos mais tarde, é uma releitura de *O Estrangeiro*, de Camus. “Releitura”, aqui, é um eufemismo, claro. A única coisa diferença é que Houellebecq transportou o enfado do Mersault para a França urbana do fim da década de 1990.

Naquela época, e aqui a ambientação não é tão pronunciada como nos livros posteriores, sobre os quais daqui a pouco falaremos, o maior medo da França, logo em seguida concretizado, era cair na irrelevância cultural mundial. Isto é, tal qual o protagonista do romance curto, quase uma novela, chamado de “Nosso Herói”, a França via o mundo in-

teiro rejeitá-la, daí sua profunda crise existencial que, anos mais tarde, desembocaria no livro de maior sucesso de Houellebecq: *Submissão*.

*Extensão do Domínio da Luta*, no entanto, é um livro contido, quase hesitante. Mas já se percebe ali a gênese daquele que viria a se tornar um especialista em transformar o cotidiano imediato das notícias, quase todas tragicamente trágicas, em algo que se cristaliza num personagem, que por sua vez se concretiza em literatura para, quem sabe assim, encontrar alguma eternidade.

No livro, o riso também é contido, as pontas dos lábios levemente curvadas, uns dentes que não ousam se mostrar, talvez até um nó na garganta. Em *Extensão*, ri-se como quem ri diante de um homem decapitado (ou qualquer imagem de horror que lhe venha à mente). Isto é, há algo de absurdamente (para não dizer doentiamente) cômico na visão de uma cabeça separada de um tronco, assim como há algo de absurda e doentiamente cômico na vida de um perdedor nato, rejeitado por todo mundo, até pelo leitor, até por si mesmo, incapaz de perceber que a salvação está sempre dentro de si. A piada de Houellebecq aqui é esta: um niilista que não sabe o que é niilismo dentro de um Renault daqueles bem apertadinhos cheio de niilistas como ele, sem saber para onde ir e indo para o único destino possível a um niilista: a autodestruição.

#### CLONAGEM, DEUS E FÉ

Depois de *Extensão*, Houellebecq alcançou o estrelato com *Particular Elementares*, seu livro formalmente menos inspirado. Aliás, talvez seja hora de falar que a prosa de Michel Houellebecq não está isenta de defei-

tos graves. Defeitos que ele compensa com o humor e com a ambientação quase que jornalística de seus livros, mas ainda assim defeitos. O mais grave deles, a meu ver, é a incapacidade de compor personagens realmente tridimensionais. Os personagens de Houellebecq, sobretudo as mulheres, não são críveis. Eles são quase personagens desses desenhos animados para adultos, hoje tão na moda.

Mas dei um passinho para o lado aqui. Onde estava mesmo? Ah, sim: *Partículas Elementares*. O romance foi publicado em 1998 e parte de seu estrondoso sucesso se deve justamente ao fato de Houellebecq ignorar a relevância atemporal para se ater a temas muito marcados em certo segmento de tempo. Neste caso, o tema é a clonagem e tudo o que ela envolve, inclusive o questionamento de Deus e a substituição da fé no Intangível pela fé na ciência, com seus gênios ultramaterialistas e ultraempiristas.

Pena que a tradução em que li o livro, ainda no fim do século passado (se não me falha a memória), ignorasse completamente o caráter humorístico deste que é um dos livros mais engraçados da obra de Houellebecq. O retrato que o autor francês faz da geração paz & amor é impiedoso e esclarecedor. Todos aqueles hormônios, misturados aos delírios igualitários de 1968, deram origem a uma geração dividida entre dois deuses mundanos: o formalismo científico, com sua pretensão de compreender o mundo por meio do intelecto, e o desejo, com sua pretensão de copular com qualquer coisa em movimento.

Uma releitura em inglês, anos mais tarde, me rendeu gargalhadas de assustar os vizinhos. Bruno Clément, o personagem pansexual do romance, é uma voz pateticamente niilista e vê tudo à sua volta através das lentes de um niilismo fora de moda que tem o agradável efeito colateral de fazer cosquinhas no leitor. Aqui vale destacar o retrato freudianamente crudelíssimo que Bruno faz da mãe, representante daquela geração autocentrada, hipersexualizada e melancolicamente vazia.

Sobre o livro, Michel Houellebecq teria dito que “ou ele me fará famoso ou me destruirá”. Frase tipicamente houellebecquiana, isto é, uma piada baseada na hipérbole, na qual a imprensa cai como um espectador desses programas humorísticos baratos de trocadilhos indignos. O livro se tornou de fato um *best-seller*, Houellebecq foi chamado de “niilista nojento” por algum crítico famoso da época, ganhou o epíteto cômico de *enfant terrible* (o que lhe garantia acesso imediato a qualquer assunto polêmico a partir de então) e passou a incorporar até fisicamente um personagem adoravelmente abjeto: o intelectual fran-

## CAPA

cês do século XXI. Com seus cabelos desgrenhados, o onipresente cigarro, o olhar meio perdido que o leitor sempre espera no “gênio” e aquele desdém pela vida que há séculos seduz os faustinhos por aí, Houellebecq se transformou de uma vez por todas numa caricatura de um homem que almeja a imortalidade por meio da literatura.

## ESPÍRITO DO TEMPO

Já no papel de escritor caricato, Michel Houellebecq lançou *Plataforma* — uma leitura para mim inesquecível por motivos um tanto quanto alheios a este texto, mas que conto assim mesmo. Naquela época, se Houellebecq era o escritor caricato, eu era o leitor caricato. E agora, pensando bem, Houellebecq talvez seja hoje o escritor preferido deste tipo de leitor (com os quais não me identifico mais, vale dizer). Eu, cheio daquele espírito crítico juvenil que tanto se assemelhava ao estilo mamãe-queroser-intelectual-francês de Houellebecq, recebi as provas do romance (o que fazia com que eu me sentisse ridiculamente importante) e o devorei numa só tarde. Na época, eu morava num balançamasnãocai no centro, num quarto-e-sala esparsamente decorado com móveis baratos, onde eu era deliciosamente feliz no auge dos meus 20 e poucos anos.

*Plataforma*, com seu humor mais afiado do que uma faca Ginsu e sua desesperança em perfeita consonância com minha rotina naquela “mansarda”, foi uma das melhores epifanias literárias da minha vida. Que essa epifania não tenha se repetido nas várias tentativas de releitura é detalhe. Ela permanece como lembrança dos comentários que, como nos outros livros do autor, sempre aparecem como que por acaso, quando menos se espera. O humor de Houellebecq não está em cenas elaboradas para tirar do leitor uma gargalhada. É sempre um detalhe: um adjetivo aqui, uma metáfora quase que *nonsense* lá, um aforismo acolá e, às vezes, uma sentença irresponsável quando menos se espera.

Só é triste perceber como *Plataforma*, um pouco mais do que *Partículas Elementares* e *Extensão do Domínio da Luta*, envelheceu mal. O livro tem como pano de fundo o turismo sexual e o terrorismo, e o clima geral é o daquela euforia pós-11 de Setembro, aquela sensação difusa de que é preciso aproveitar a vida (o que, para Houellebecq, significa fornicar o máximo possível) porque a catástrofe nos espreita a cada esquina. Na época, e estamos falando de um livro lançado há quase 20 anos, o pavor que a livre circulação de pessoas pelo mundo (tanto para fornicar quanto para matar) despertava era algo que não tinha ain-





da atingido seu apogeu. Daí a precisão incômoda de Houellebecq como autor capaz de sedimentar nas páginas do livro o espírito do tempo.

O problema, insisto, é que o espírito do tempo chega e assusta, mas invariavelmente passa. O livro, contudo, permanece, mas com aquele gostinho de passado. Talvez o gosto pudesse ser diluído por outras características do romance, como os personagens e até mesmo a trama, mas, como já disse aqui, essas não são as características mais fortes de Houellebecq. Resta, portanto, o humor, mas um humor que, com o passar do tempo, cada vez mais se torna um humor que precisa de referências, um humor para iniciados, um humor — sendo bem sincero — velho, quase como uma piada de Ary Toledo contada numa festa de *millennials*.

#### AUTOIMPORTÂNCIA

Depois do estrondoso sucesso de *Plataforma*, a desgraça. Não, exagero meu, não foi exatamente uma desgraça. Mas foi certamente uma decepção. Michel Houellebecq parece ter acreditado nos críticos que o apontavam como o maior e melhor (mas não o mais bonito, por motivos óbvios) e escreveu dois livros que, quero crer (e creio, afinal, sou tão esperançoso que acredito que, se eu escrever aqui que a esperança é a última que morre, os leitores entenderão a piada), são autopiadas, isto é, tentativas de um humor à la Andy Kaufmann que fugiram ao controle do autor. Porque a alternativa a isso é, como já disse, a decepção de ver um autor até então ousado cedendo à presunção da autoimportância — se bem que não há nada mais francês do que isso, né?

*A Possibilidade de uma Ilha* e *O Mapa e o Território* e são os livros

mais celebrados pela crítica especializada. E a crítica especializada, isto é, aquela cujo bom gosto literário tem de ser atestado por um diploma da Sorbonne, sabidamente não gosta de humor — e não está nem aí para a urgência dos temas tratados no romance, porque seu tempo é outro (alguém mais maledicente do que eu diria que o tempo dela é a do esquecimento e da irrelevância). Daí porque esses dois livros são elogiados pela crítica na mesma medida em que são esquecidos pelo leitor médio. E por “leitor médio” estou me referindo a mim mesmo.

Não à toa, *A Possibilidade de uma Ilha* recebe elogios como “refinado” e “sutil”, que são eufemismos para “aborrecido” e “pretensioso”. *O Mapa e o Território* ganhou o prêmio literário mais importante da França, o Goncourt — prêmio que, na minha não tão humilde opinião, é garantia de ostracismo para o agraciado. Vale dizer ainda que, por causa de *O Mapa*, a revista *Slate* acusou Houellebecq de ter plagiado algumas passagens da *Wikipédia* em francês — o que, por sinal, pode fazer com que eu seja acusado, nesta frase em específico, de plagiar esta mesma passagem da *Wikipédia* em inglês. Nunca se sabe.

Tendo experimentado o sabor amargo do reconhecimento acadêmico e o ostracismo e irrelevância comumente a ele atrelados, Michel Houellebecq voltou a ser um escritor digno de nota graças a um livro que é uma obra-prima do humor e também graças a uma tragédia. (Ah, e ainda por tratar de um tema urgente, urgentíssimo — não posso esquecer de mencionar). Estou falando de *Submissão*, também conhecido como o-único-livro-que-li- desse-cara.

## CAPA

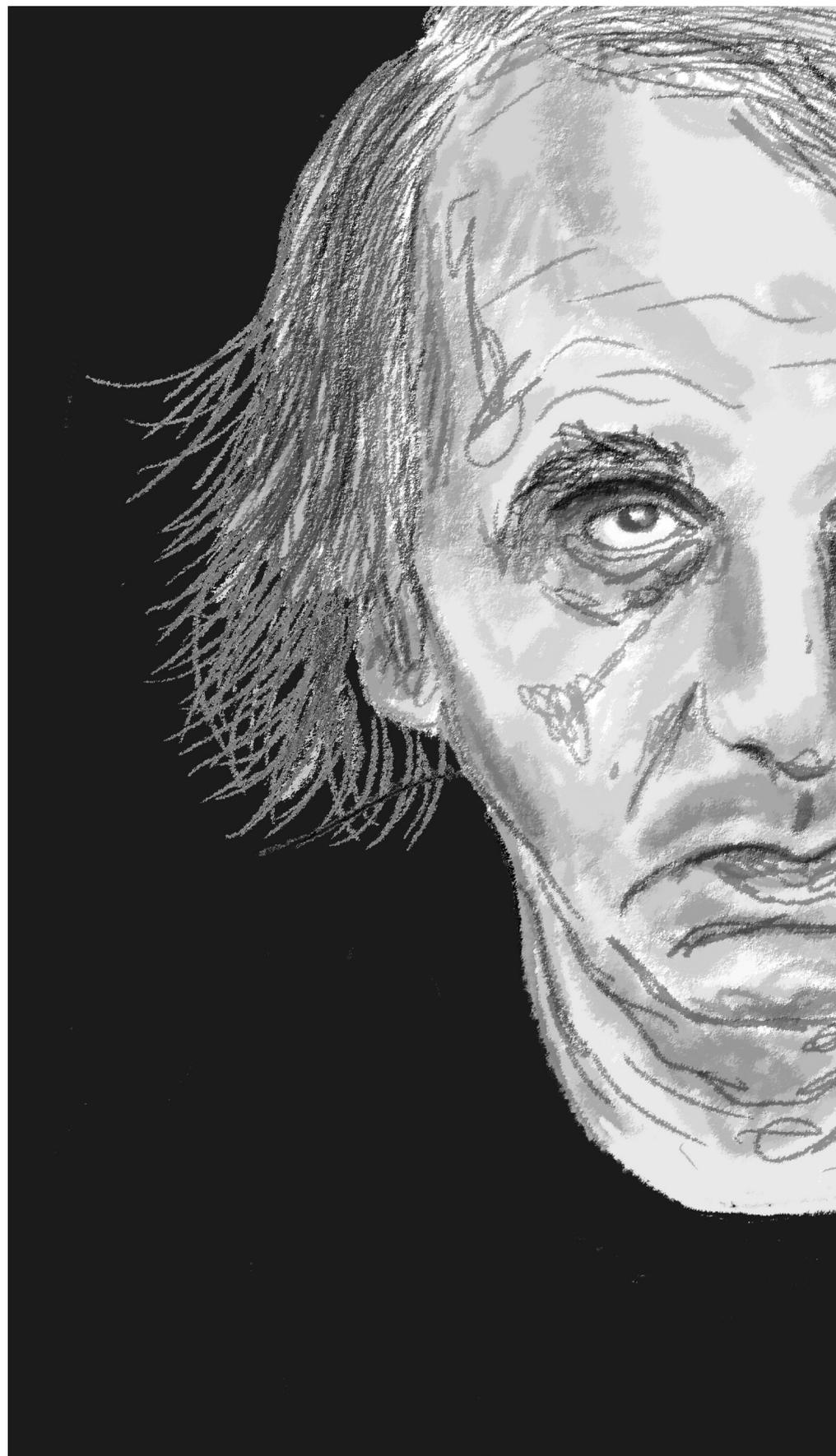
**CHARLIE HEBDO**

*Submissão* seria lançado em Paris naquele fatídico dia 7 de janeiro de 2015, quando terroristas armados invadiram a publicação satírica *Charlie Hebdo*, matando nada menos do que 12 pessoas. A justificativa para o ataque (como se houvesse justificativa para a barbárie) foi o fato de a revista publicar charges ofensivas ao Islã. Imagine, então, o perigo que corria um escritor que lançava um livro falando justamente da islamização da Europa — e reforçando o ridículo disso! O lançamento, evidentemente, foi cancelado. E a tragédia, ou melhor, todo o debate sobre islamização da Europa, com ênfase na França, que se seguiu à tragédia, catapultou *Submissão* a um patamar muito difícil se alcançar hoje em dia, quando as pessoas abdicaram da literatura para se aterem ao noticiário muitas vezes sangrento: o dos livros mais importantes do século.

O romance é isso: uma grande piada. Ah, eu sei que seu vizinho provavelmente o leu como uma denúncia da decadência da civilização ocidental, um verdadeiro libelo anti-imigração ou anti-islamização. Talvez este seu vizinho tenha até gritando “Deus vult!” depois de ler o romance. Mas essa *gravitas*, veja bem, está no leitor, não no romance. Que, insisto, é de longe o mais engraçado na obra de um escritor que certamente não se ofenderia se fosse chamado de palhaço.

Em *Submissão*, a França vai, aos poucos, se submetendo ao Islã (que, não por acaso, significa... “submissão”), uma submissão que só é intelectual na aparência; no fundo, as motivações são econômicas e principalmente sexuais. Houellebecq, com a sutileza de um lugar-comum como aquele do elefante na loja de cristais, mostra intelectuais se convertendo ao islamismo apenas para poderem ter um harém em casa, de preferência com uma mulher mais velha agindo como governanta e uma mais nova (às vezes muito mais nova) para os prazeres da cama. Se houvesse uma de meia-idade para os afazeres domésticos, tanto melhor. Sim, essa é a ideia que Houellebecq faz não só do Islã como principalmente de seus contemporâneos, sobretudo os que se identificam como “de esquerda” ou “progressistas” — você escolhe o termo.

Vale a pena dizer que *Submissão* em nenhum momento resvala no estudo espiritual do protagonista, chamado (atenção para a falta de sutileza) François. Intelectual de meia-idade, ele não está interessado na teologia islâmica. Se François se converte ao Islã, portanto, é por mero pragmatismo, inclusive dentro da Academia. Mas, insisto, a principal motivação é sexual.





Na época, *Submissão* foi acusado de ser um panfleto islamofóbico e foi defendido como sendo um alerta, um chamado à cristandade. Não é nem uma coisa nem outra. Não há, em essência, ódio ao Islã no livro. O que há é uma espécie de termo reverencial traduzido em humor, em sátira, em caricatura. A ideia de uma França, que muitos consideram o berço da democracia moderna, com seus ideais de tolerância, inclusive religiosa, subjugada ao Islã é patética demais para ser levada a sério por alguém. E a ideia de ler o livro como uma conclamação a uma nova cruzada despreza toda a história da boa literatura. Não, *Submissão* não é um panfleto ou libelo; é uma deliciosa piada.

#### CENTRADO NO PRESENTE

E aqui chegamos ao livro lançado recentemente no Brasil, *Serotonina*. Um livro que, a levar pela expectativa do autor, vai causar decepção na mesma medida em que *Submissão* despertou paixões. Não que *Serotonina* seja um mau livro. Não. Na verdade, tanto ele quanto seu antecessor são os livros mais centrados no presente dentro da obra de Houellebecq. E é nisso que reside sua maior força. Novamente, tem-se a impressão de estar lendo um folhetim contemporâneo sendo escrito numa rede social qualquer. E, no entanto, o que se está lendo é um produto de alguma forma restrito a um tempo, um produto que é passado assim que sai do prelo. O que falta a *Serotonina* é o outro lado do autor: o humor. O que, por sua vez, acaba ressaltando os demais defeitos aqui já mencionados, como a superficialidade dos personagens.

O lado bom do romance é que ele dialoga com os dois primeiros livros da biografia de Houellebecq, *Ex-*

*tensão do Domínio da Luta* e *Partículas Elementares*. Ao primeiro, o autor faz referência ao evocar o enfado camusiano do “Nosso Herói”. É uma espécie de existencialismo tardio e cansado, que se expressa apenas por uma sexualidade exacerbada e um desespero espiritual que curiosamente não busca alívio. Ao segundo, Houellebecq faz referência ressaltando a mentalidade cientificista que, em toda a sua arrogância empírica, busca substituir Deus. O resultado pode render a Houellebecq aclamação da crítica especializada, adjetivos como “refinado” e “sutil” e até o Prêmio Goncourt — se é que você me entende.

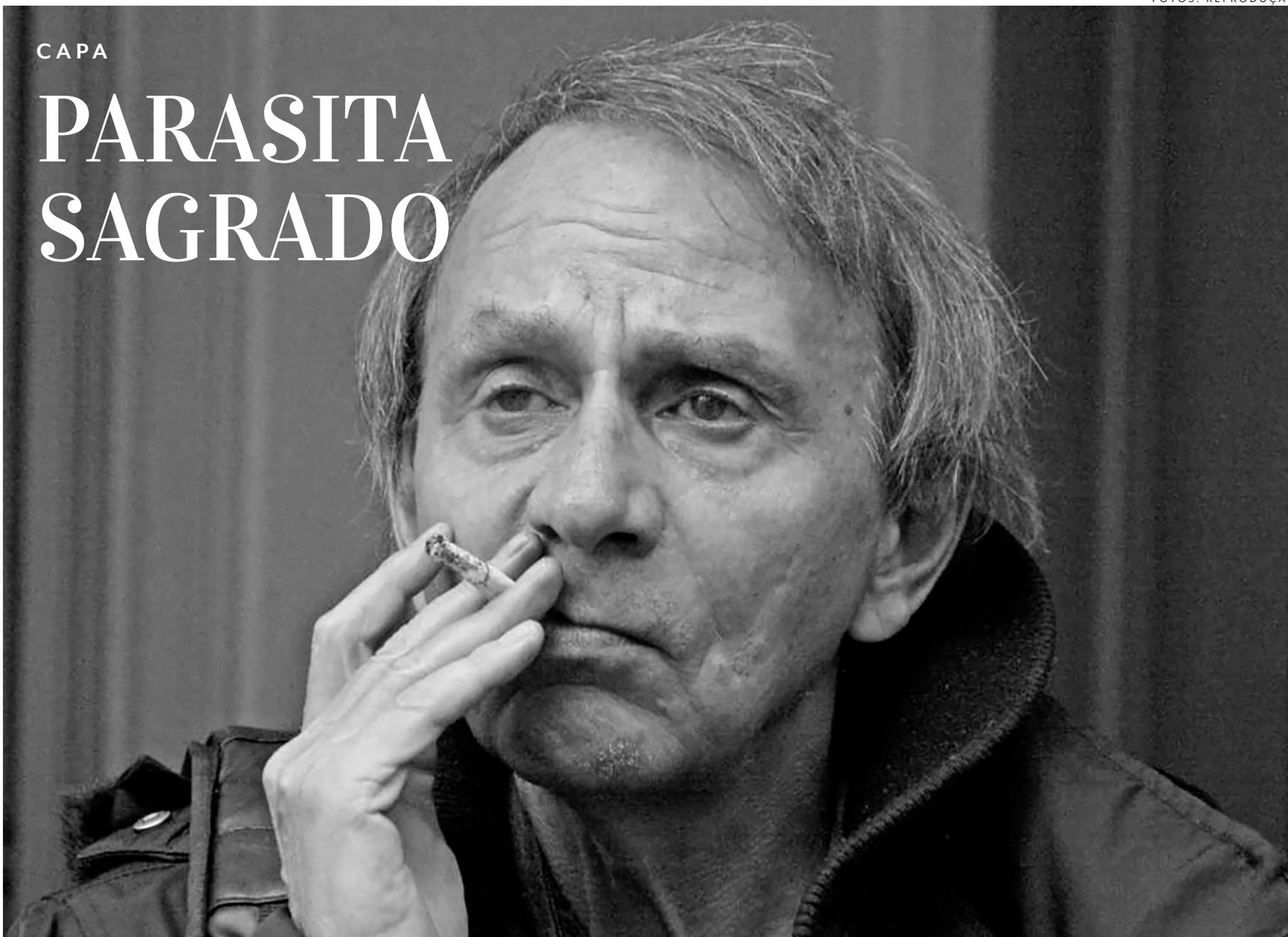
Mas, como eu dizia lá no primeiro parágrafo, Houellebecq corre riscos. Parece que gosta de correr riscos. Além de escrever, ele se mete a fazer vídeos, gravar CDs e trocar cartas com outro intelectual. E essa ousadia faz muito bem não só a ele, em termos inclusive financeiros, como também à combalida e cada vez mais irrelevante literatura francesa. Riscos, contudo, pressupõem uns fracassos ao longo do caminho. Fracasso que, sendo a literatura uma via de mão dupla, atinge também os leitores. Ainda assim, é preferível um autor que tente e aqui e ali escorregue e triunfe a um escritor cujo triunfo é uma parede cheia de medalhas de bronze. Michel Houellebecq talvez não tenha construído ainda uma obra perene, mas, pelos próximos anos (ou até quando aquele maldito cigarro permitir), certamente será o piadista mais relevante do debate literário atual. ■

---

**PAULO POLZONOFF JR.** é jornalista, escritor e tradutor. Publicou, entre outros livros, *O Homem que Matou Luiz Inácio* e *Desculpe & Outros Textos que Ninguém Vai Ler*.

CAPA

# PARASITA SAGRADO



**Guiado pelo ressentimento e alvo de escândalos, Michel Houellebecq ganhou fama de visionário por “prever” o movimento dos coletes amarelos na França**

JOÃO LUCAS DUSI

**P**ara o escritor Michel Houellebecq, a existência é “nada mais do que um tecido de sofrimentos” e a única forma de escapar do suicídio é se ater à estrutura literária. Seguindo o próprio conselho (publicado no ensaio *Permanecer Vivo: Um Método*, traduzido para o português por Jon Natalicio), o autor francês mais lido da atualidade resistiu à “série de testes de destruição” que é a vida e ganhou fama mundial com sua

literatura seca, agressiva e doentia-mente bem-humorada. Seu romance mais recente, *Serotonina*, lançado em janeiro, teve uma impressionante tiragem inicial de 320 mil exemplares só na França — e chegou recentemente às prateleiras brasileiras.

Apesar de reconhecido por sua prosa, Houellebecq começou pelos versos. Chegou a ganhar o Prêmio Tristan Tzara com uma coletânea de poemas, *La Poursuite du Bonheur*



Cenas do filme *Thalasso* (2019), de Guillaume Nicloux, com o escritor Michel Houellebecq e o ator Gérard Depardieu.



(1991), publicada três anos antes de sua estreia na narrativa de fôlego, com *Extensão do Domínio da Luta*. Muito de sua visão fatalista sobre a poesia e a vida em geral, exposta no ensaio já citado anteriormente, transparece em seus romances. “Se algo é triste, deve-se exprimir radicalmente essa tristeza. A literatura não suporta a falsidade”, disse em conversa com Juremir Machado, um de seus tradutores no Brasil e autor do livro *Um Escri-*

*tor no Fim do Mundo* (2011), que narra uma viagem que eles fizeram à Patagônia no final de 2007.

Essa série de conversas com o escritor e jornalista gaúcho, aliás, mostra um Houellebecq mais “leve”. A convivência do francês com Juremir e sua esposa, Cláudia, evidencia um pouco do homem por trás da persona que costumava surgir em suas aparições midiáticas, sobretudo antes dos 60 anos de idade — fumante invete-

rado e às vezes bêbado, segurando sempre o cigarro entre os dedos médio e anelar, com olhar blasé e esforço mínimo (ou nulo) para conceder entrevistas.

Ainda sobre esse comportamento errático, vale lembrar que ele já cancelou duas vezes sua participação na Festa Literária Internacional de Paraty, em 2011 e 2013, e desapareceu durante a turnê de divulgação do livro *O Mapa e o Território*, pelo qual levou o Prêmio Goncourt de 2010. Esse sumiço inspirou o argumento do filme *L’Enlèvement de Michel Houellebecq* (2014) — uma comédia dramática, dirigida por Guillaume Nicloux, que brinca com os rumores de que o autor teria sido sequestrado.

## CAPA

É inegável que a postura de escritor maldito tem rendido frutos. Além de lançar o novo romance com tiragem excepcional, Houellebecq recebeu no começo deste ano, das mãos do presidente da França, Emmanuel Macron, a comenda da Ordem Nacional da Legião de Honra — condecoração criada por Napoleão Bonaparte no início do século XIX e que reconhece méritos civis e militares à nação. Além disso, ganhou 25 mil euros do Prêmio de Literatura Europeia do Estado da Áustria. É interessante recordar que Patrick Modiano, o último francês a embolsar essa bolada antes de Michel, levou o Nobel de Literatura em 2014.

Para completar essa boa fase, em agosto deste ano Houellebecq volta ao cinema. Novamente ao lado do diretor Guillaume Nicloux, o autor estrela o longa-metragem *Thalasso*, contracenando com o ator Gérard Depardieu. No filme, os dois se encontram em um instituto de talassoterapia (tratamento realizado com a água do mar) e precisam aguentar os aborrecimentos desse processo.

**GÊNESE**

Henri tem um ano de idade e suas fraldas estão sujas. A mãe abandona essa “coisa pequena coberta de merda” para ir a um encontro noturno. Ambos choram. Para Houellebecq, que descreve essa situação em *Permanecer Vivo: Um Método*, Henri teve um bom começo como poeta. A narrativa

sobre o trauma não foi usada por acaso, já que o “ressentimento é necessário para qualquer verdadeira criação artística” e, para o “parasita sagrado” que é o poeta, é tão essencial ser sempre o perdedor quanto desenvolver em si mesmo “um profundo ressentimento em relação à vida”. Tanto no teor de sua literatura quanto em sua postura pessoal, nota-se que ressentimento é o que não falta para Houellebecq.

O escritor francês conheceu a rejeição bem cedo. Sua mãe, Lucie Ceccaldi, era médica e militante comunista. O pai, René Thomas, instrutor de esqui e guia de montanha. Quando Michel era apenas um bebê, e ainda carregava o sobrenome Thomas, o casal partiu para uma viagem pela África e o deixou aos cuidados dos avós maternos. Mais tarde, aos cinco anos de idade, ele passou a viver com a avó paterna, de quem adotou o sobrenome Houellebecq em homenagem. “Até a minha morte, seguirei sendo uma criança abandonada, gritando de medo e frio, faminto por carinho”, registrou o autor no texto *Mourir (Morrer)*, de 2005.

No romance *Partículas Elementares* (lançado em 1998 e adaptado para o cinema em 2006, com direção do alemão Oskar Roehler), responsável por catapultar a carreira de Houellebecq e o postular oficialmente como um pornógrafo imoral, a mãe dos personagens principais, Michel

e Bruno, chama-se Lucie — coincidência? — e é descrita como uma hippie desnaturalada, sustentada por um norte-americano e dona de um apetite sexual desmedido. Sobre a obra, a mãe do autor comentou, em entrevista de 2008 à imprensa francesa, aqui em tradução de Celso Mauro Paciornik: “Se não fosse meu filho, não leria esse tipo de lixo. Esse livro é pura pornografia. É repugnante. É lixo. Não entendo esse sucesso todo, que só mostra a decadência da França”.

Mãe e filho já não se falavam desde 1991 e, daí para frente, a relação foi ladeira abaixo. Para Lucie, Michel não passa de um parasita mentiroso e dinheirista. Ela conta que, nas décadas de 1960 e 70, durante a infância e adolescência do filho, chegou a trabalhar 14 horas por dia, seis dias por semana, e que não tinha condições de cuidar dele devido à carga horária pesada. “Talvez eu o devesse ter mandado a um internato inglês, aí ele aprenderia a montar cavalos e se tornaria um cavalheiro e todo o mundo me elogiaria”, ironiza.

A expiação de Lucie veio com a publicação do livro de memórias *L’Innocente (A Inocente)*, em 2008. Mas não se trata de um contra-ataque a Houellebecq, já que ela dedica mais páginas ao seu cachorro de estimação do que ao filho. O objetivo foi apresentar “um testemunho de uma pessoa que sempre tentou fazer bem as

coisas”, conforme disse em entrevista ao jornal português *Diário de Notícias*, mesmo admitindo que não educou o filho como uma boa mãe. No pós-fúcio, Lucie diz que só voltará a ter contato com Michel quando ele admitir ser um mentiroso e pedir perdão por nunca ter feito nada além de mal às pessoas que o cercam. Até agora não aconteceu.

#### POLÊMICAS

O rompimento com a mãe, em 1991, começou com um comentário de Houellebecq contra o Islã. A rusga se deu em um bistrô parisiense, quando eles tomavam chá e discutiam as motivações da Guerra do Golfo. Para Michel, o conflito entre Iraque e uma coalização liderada pelos Estados Unidos era culpa do Islã, “uma religião de bastardos estúpidos”. Lucie retrucou: “Você é o bastardo estúpido”. Apesar da sensação de “paz, liberdade e luz” que o distanciamento da mãe causou no autor, esse fantasma islâmico seguiu o assombrando — não que ele tenha feito qualquer coisa para evitá-lo, na verdade.

Desde seu primeiro romance, *Extensão do Domínio da Luta*, Houellebecq alfineta o Islã. Em *Partículas Elementares*, de 1998, reafirma seu desprezo à religião e, em *Plataforma* (2001), descreve um ataque terrorista — curiosamente, no mesmo ano do atentado às Torres Gêmeas, nos EUA. A “cereja do bolo” veio com

um comentário à imprensa, também no primeiro ano do século XXI: “A mais estúpida das religiões é o Islã”. A declaração rendeu-lhe um processo por parte de grupos muçulmanos e organizações ligadas aos direitos humanos, mas ele acabou absolvido.

A situação mais dramática aconteceu em 7 de janeiro de 2015, dia do lançamento de *Submissão* — romance que imagina uma França comandada por um líder islâmico em 2022. Houellebecq estampava a capa da revista satírica *Charlie Hebdo*, que também tinha uma relação bastante turbulenta com os seguidores de Maomé, quando dois fundamentalistas islâmicos, armados com fuzis Kalashnikov, fizeram um massacre na redação do periódico. Doze pessoas morreram, incluindo um grande amigo de Michel, o economista e escritor Bernard Maris, autor do ensaio *Houellebecq Économiste* (2014), e o cartunista Georges Wolinski.

Além de “islamofóbico”, outro adjetivo que costuma acompanhar o autor francês é “misógino”. Mais uma vez, ele faz por onde. Este trecho, por exemplo, tirado do romance *Partículas Elementares*, em tradução de Juremir Machado da Silva, não deixa muita brecha para se dizer o contrário: “A partir de certa idade, uma mulher continua a ter a possibilidade de esfregar-se num pau, mas nunca mais a de ser amada. É isso”. Agora, se há de fato a visão pessoal do autor

em seus livros, e não somente a voz de um personagem perturbado, é outra história.

Apesar dos rótulos pejorativos, recentemente Houellebecq ganhou a fama de visionário. Em seu novo livro, *Serotonina*, o protagonista é Florent-Claude Labrouste, um quarentão “politicamente incorreto, banal, superficial, frívolo” (segundo resenha de Dirce Waltrick do *Amarante* publicada no *Estadão*) que se torna um crítico da contemporaneidade após sofrer um abalo existencial. Além de retratar esse homem desiludido, como é de praxe em sua obra, o autor imagina um cenário em que os camponeses se sentem desmoralizados e resolvem tomar providências agressivas — exatamente o que acontece atualmente, fora do plano da ficção, com o movimento dos coletes amarelos na França.

É nessa corda bamba que a literatura e a vida do escritor francês caminham. Ao mesmo tempo criticado por ferir a sensibilidade moderna (com sua suposta misoginia e islamofobia) e festejado como um visionário e cronista dos males e preocupações que assolam o homem na sociedade pós-industrial, Michel Houellebecq acaba de lançar seu sétimo romance e segue angariando prêmios. Afinal, de acordo com o próprio autor, por mais que todas as coisas sofram com a existência, “você deve permanecer vivo”. ■

## PRATELEIRA | MICHEL HOUELLEBECQ

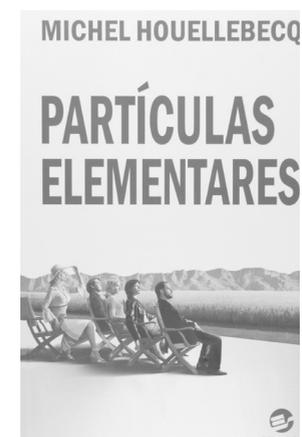
EXTENSÃO DO  
DOMÍNIO DA  
LUTA (1994)

Aos 32 anos de idade e divorciado, o protagonista do romance de estreia de Michel Houellebecq se sente profundamente entediado com sua rotina de programador de sistemas de computador. O anti-herói Michel, que se vê refém da mesmice corporativa e de seus pares indiferentes à modorra do cotidiano, é conduzido por uma tortuosa jornada de autodescoberta.

São bebedeiras homéricas e a tentativa de abrir mão dos dias enfadonhos que o levam a um caminho de iluminação. Longe de ser algo positivo, porém, o que se evidencia é a conclusão de que tudo é mesmo uma causa perdida e só resta ao narrador alimentar o profundo desgosto que sente pela sociedade. O primeiro romance do escritor francês ainda explora os elementos e temas que lhe renderiam fama a partir de *Partículas Elementares*, publicado quatro anos depois: forma e conteúdo em harmonia, banalidades da vida, invectivas contra o Islã, perversões sexuais e os dilemas humanos na sociedade pós-industrial.

PARTÍCULAS  
ELEMENTARES  
(1998)

A partir da saga dos irmãos Michel e Bruno, iniciada no final da década de 1960 e com desdobramentos para além de 2070, a existência humana ganha — literalmente — novos contornos. Michel, um biólogo solitário, dedica-se aos estudos e encara a vida de maneira estritamente determinista, sendo basicamente incapaz de amar. Bruno é um hedonista desesperado e busca algum tipo de redenção através do sexo casual. Ao discutir a aversão aos sentimentos e o impulso sexual descontrolado, que no livro marcam uma espécie de declínio do homem moderno, Houellebecq explora as consequências dos excessos de uma sociedade libertária. A superação desses males, na obra, vem por meio de caminhos que conduzem à extinção dessa “espécie dolorosa e vil, pouco diferente do macaco” que é o homem como o conhecemos atualmente.



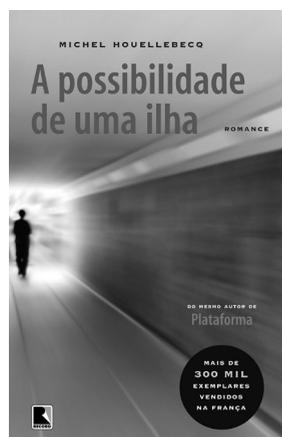
## PLATAFORMA (2001)

Se o romance anterior flertou com a ficção científica e propôs um futuro alternativo à espécie humana, em *Plataforma* Houellebecq se atém ao que há de mais rasteiro. Em um livro bem agressivo, o autor ataca o islamismo e as consequências da globalização, banaliza a prostituição e rechaça tudo o que vem a reboque da sociedade de consumo. O tom é mordaz e sarcástico, como nas obras anteriores, e pouca coisa escapa do radar do escritor francês. Quem encabeça esse libelo contra a contemporaneidade é mais um personagem chamado Michel, desta vez um burocrata francês que vai fazer turismo sexual na Tailândia. A partir desse fio condutor, a narrativa caminha para um desfecho catastrófico envolvendo radicais islâmicos. No ano seguinte à publicação da obra, fora do plano ficcional, um ataque terrorista de fato aconteceu na zona turística de Kuta, na Indonésia, deixando mais de 200 mortos.



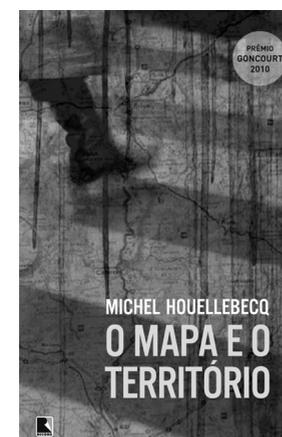
## A POSSIBILIDADE DE UMA ILHA (2005)

Em seu quarto e mais extenso romance (478 páginas), Michel Houellebecq revisita a distopia com novo fôlego, sem deixar de lado as mordazes análises do comportamento humano e o humor doentio. A primeira das três vozes que formam a narrativa é a de Daniell, um humorista que tem predileção por piadas racistas e pedófilas. Ele encontra a derrocada quando se cansa do riso da plateia e busca redenção no amor de uma mulher mais jovem. Não funciona. Plenamente desiludido, encontra conforto nos elohimitas — seita que acredita piamente na procedência extraterrestre dos seres humanos, filhos de Elohim, e que prometem a juventude eterna através da reprodução do DNA. O protagonista se entrega ao experimento e, 2 mil anos depois, os clones Daniel24 e 25 dão continuidade à história. Habitantes de um mundo devastado por catástrofes nucleares, eles não possuem sentimentos humanos e, portanto, como é praxe na obra do autor francês, são “pintados” como versões melhoradas do *homo sapiens* convencional.



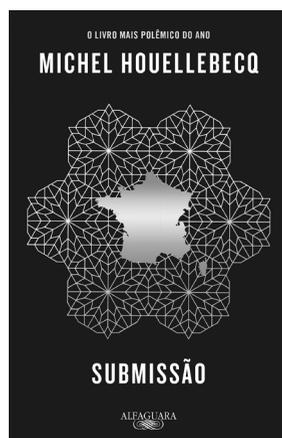
## O MAPA E O TERRITÓRIO (2010)

Após um hiato de cinco anos, o mais longo de sua carreira, Michel Houellebecq voltou à ativa com este romance que lhe rendeu o Prêmio Goncourt. Sem deixar de lado o cinismo típico de seus livros anteriores, o autor se lançou numa empreitada um pouco diferente, mas não menos amarga. A obra traz a história do artista plástico e pintor Jed Martin, um homem ressentido pela falta de amor na infância e filho de um bem-sucedido arquiteto. Ao ganhar fama mundial com uma série de quadros sobre personalidades, Martin se embrenha no *business* pesado e a situação se torna propícia para o escritor francês, mais uma vez, acionar sua metralhadora de críticas contra todo o suposto *glamour* da sociedade capitalista. Um dos personagens da obra, aliás, é o próprio Michel Houellebecq — retratado como um bêbado repugnante. Na trajetória de vida do protagonista, que envolve ajudar o comissário Jasselín na resolução de um assassinato, o objetivo final parece ser se despedir de “uma existência à qual nunca aderira totalmente”.



## SUBMISSÃO (2015)

François é um entediado professor de literatura na Universidade Paris III-Sorbonne. Para compensar a chatice da rotina acadêmica, o protagonista preenche seus dias com relações sexuais vazias com prostitutas, refeições de micro-ondas, álcool e pornografia. No plano político, após eleições acirradas no ano de 2022, o candidato da Fraternidade Muçulmana Mohammed Ben Abbes chega à presidência da França. A nova ordem parece atrativa ao personagem, que enxerga no momento uma possibilidade de renovação — como, por exemplo, poder se aproveitar da submissão feminina sem peso na consciência. Em seu sexto romance, Michel Houellebecq volta a imaginar um futuro pouco promissor para a humanidade, apoiando-se nas preocupações que ocupavam o imaginário francês à época de seu lançamento e dando voz a mais um protagonista desiludido.



## SEROTONINA (2019)

Em sua última incursão pelo romance, Michel Houellebecq mostra novamente estar atento às questões que assolam a sociedade contemporânea. A “paulada”, desta vez, vem através do quarentão e fútil Florent-Claude Labrouste. O protagonista, que odeia como seu primeiro nome soa feminino, é uma enciclopédia de conhecimentos inúteis e seus problemas giram em torno de coisas como ter de aguentar a esposa oriental por mais de uma semana em um balneário espanhol. O personagem segue suportando essa vida vazia com a ajuda do antidepressivo Captorix, “um comprimido pequeno, branco, oval, divisível”, até que a descoberta de um documentário sobre pessoas voluntariamente desaparecidas o faz despertar para novas possibilidades. O que Labrouste parecia não esperar, no entanto, é que a necessidade de um sentido para a vida assombra mesmo os que tentam rejeitá-lo.



HQ | RICARDO COIMBRA

NOS DIAS DE HOJE NINGUÉM TEM TEMPO NEM PACIÊNCIA PARA LER OS GRANDES CLÁSSICOS OU SEQUER AS VANGUARDAS CONTEMPORÂNEAS.



PARA O CIDADÃO MÉDIO, LIVRO É ALGO QUE SE LÊ PARA VESTIBULAR OU OBJETO QUE SE COLOCA AO LADO DE XÍCARA DE CAFÉ PARA FAZER FOTO E SIMULAR SOFISTICAÇÃO EM REDE SOCIAL.



AINDA QUE SEJAMOS UM PAÍS ANALFABETO EM QUE METADE DA POPULAÇÃO NÃO TEM SEQUER LUGAR PRA CAGAR, HA' QUEM FALE EM FEIRAS E DEBATES LITERÁRIOS.



EVENTOS QUE SÃO BOLHAS SOCIAIS ONDE A CLASSE MÉDIA ILUSTRADA PODE SE DISTRAIR COM DISCUSSÕES ESTÉTICAS BIZANTINAS, ATIVISMO EQUIVOCADO E UMA BOA DOSE DE IDENTITARISMO OPORTUNISTA.



NADA QUE APELE AO GOSTO DO LEITOR COMUM.



VOCÊ ACABOU DE ASSISTIR A  
MAIS UM EPISÓDIO DE...

# STARTUP WARS

A GRANDE BATALHA DO  
EMPREENDEDORISMO CONTEMPORÂNEO

POEMA | ANA GUADALUPE

# AS PESSOAS QUE NÃO NOS AMAM

*as pessoas que não nos amam*

*são capazes de passar por nós na chuva sem oferecer abrigo na sombrinha*

*nos olham de relance e pensam ter visto alguém que conhecem  
que não somos  
por isso desviam os olhos*

*com frequência dizem pelas costas que somos  
aquilo que somos*

*frágeis  
pouco eficazes*

*se estivessem de carro talvez nos atropelassem  
e dos nossos olhos pingaria sangue*

*estão por toda parte  
se multiplicam todos os anos  
vivem de forma extravagante*

*as pessoas que não nos amam*



ILUSTRAÇÃO: BENETT



**ANA GUADALUPE** nasceu em Londrina (PR), em 1985, e mora em São Paulo (SP). É autora de *Relógio de Pulso* (2011) e *Não Conheço Ninguém que Não Seja Artista* (2015). O poema publicado pelo **Cândido** faz parte do livro, ainda inédito, *Preocupações e Outros Poemas*.

B. + GOYA